

BULLYING: CONHECER O PROBLEMA É A MELHOR FORMA DE SE CONTROLAR

AUTORES

Eliara FELIX
Cleusa Pelarin SANTOS
Letícia Contiero VIEIRA
Solange Vicente SANTOS
Tatiana Contiero PELARIN

Discentes UNILAGO

Mariza De NADAI
Docente UNILAGO

RESUMO

Bullying é toda a violência não física, todo o tipo de agressão e condutas verbais como insultos, piadas, apelidos cruéis ou ridicularização entre crianças e adolescentes. É na escola que se destacam os primeiros e mais dolorosos casos de Bullying. Atitudes que se inicia com agressões verbais e por vezes culmina na agressão física, pode ser controlada desde que a comunidade escolar esteja preparada para identificar essa prática e proteger a criança e o jovem alvo desta violência. Mesmo mundialmente conhecido, o bullying ainda é uma prática presente no ambiente escolar e deve ser atentamente observado por todos os educadores. Não há idade, sexo, ou classe social para o bullying se manifestar. Conhecer o termo Bullying é o primeiro passo para educador se interessar pelo tema, uma vez que ele significa a vontade insaciável de maltratar e ridicularizar seu semelhante. Tão forte e tão carregado de histórias marcantes, o bullying só poderá ser controlado se for identificado no seu início.

PALAVRAS-CHAVE

bullying, escola, agressão, violência, professores

INTRODUÇÃO

Esse artigo foi elaborado para iniciar a discussão sobre o bullying. A maior dificuldade relacionada à Bullying hoje é a falta de informação de toda comunidade escolar, sendo este também o maior problema das escolas. Qualquer pessoa que algum dia tenha frequentado uma escola, certamente já presenciou o fenômeno bullying. Esta palavra de origem inglesa tem como raiz o Bull, que significa ‘touro’, ou ainda, bullying como manifestação de preconceito.

O objetivo geral desse estudo foi conhecer e definir o bullying como manifestação de preconceito e objetivo específico relacionar as manifestações do bullying com outras formas de violência.

A metodologia utilizada para elaboração do artigo deu-se pela pesquisa bibliográfica, com estudos em sites da internet e livro na área da educação.

DISCUSSÃO

Para Moraes e Lopes (2010), o BULLYING é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, seja a propriedade de causar “traumas” ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos. Possui ainda a propriedade de ser reconhecido em vários outros contextos, além do escolar: nas famílias, nas forças armadas, nos locais de trabalho (denominado de Assédio moral), nas instituições para idosos, nas prisões, nos condomínios residenciais, enfim onde existem relações interpessoais.

O principal objetivo da atitude de quem comete o BULLYING, é sentir prazer em desmerecer, humilhar e agredir outras pessoas. Estudos do comportamento bullying entre escolares identificam assim os tipos de papéis sociais desempenhados pelos seus protagonistas “vítima típica”, como aquele que serve de bode expiatório para um grupo; “vítima provocadora”, como aquele que provoca determinadas reações contra as quais não possui habilidades para lidar; “víti-

ma agressora”, como aquele que reproduz os maus-tratos sofridos; “agressor”, aquele que vitimiza os mais fracos; “espectador”, aquele que presencia os maus-tratos, porém não o sofre diretamente e nem o pratica, mas que se expõe e reage inconscientemente a sua estimulação psicossocial. (Fante, 2005).

Os estudos sobre o assunto é recente, passou a ser questionado nas últimas décadas, ele é um velho conhecido das crianças, como cita FANTE (2005, p. 29), “considera-se o bullying como um fenômeno bastante antigo, por se tratar de uma forma de violência que sempre existiu nas escolas e que até hoje ocorre despercebida da maioria dos profissionais da educação”.

Somente na década de 1970 é que este acontecimento passou a ser estudado. Os primeiros trabalhos surgiram na Suécia e logo depois na Noruega, onde a sociedade se mostrou interessada no assunto e tentou se mobilizar, entretanto, sem respostas governamentais, poucos avanços foram conquistados.

O primeiro pesquisador que desenvolveu critérios para a identificação e punição de atos de bullying foi Dan Olweus, da Universidade de Bergen. Ele pesquisou cerca de 80 mil estudantes, de trezentos a quatrocentos professores e aproximadamente mil pais. Com a pesquisa Olweus constatou que uma em cada sete crianças eram vítimas de bullying. O dado tão alarmante desencadeou uma campanha nacional, envolvendo sociedade e governo, o que resultou em cerca de 50% menos casos desta agressão nas escolas norueguesas.

O projeto desenvolvido por Dan Olweus era bastante simples e palpável a qualquer sociedade: manter regras claras de punição aos praticantes de bullying, promover a conscientização da escola e da sociedade para este problema, e proteger e apoiar as vítimas, para que estas tivessem coragem de denunciar os mau-feitores sem serem punidas pelos mesmos.

No Brasil, situações de violência entre alunos acontecem diariamente. Referência mundial no assunto, com sete livros publicados, além de 36 anos de experiência como educador da Murray State University (Kentucky, EUA), o americano Allan Beane, 60 anos, afirma que o bullying sempre existiu, mas nunca foi tão freqüente e cruel. Com

a demanda, ele presta consultoria em quatro investigações criminais e cinco ações judiciais – além de dar palestras sobre o tema e de ter desenvolvido um método anti-bullying para escolas. Beane, que acaba de lançar no Brasil o livro “Proteja Seu Filho do Bullying”, fala com um triste conhecimento de causa. Ele perdeu o filho há dez anos por conseqüências indiretas da violência praticada nas escolas.

De acordo com Allan Beane (2010), pesquisador que está se dedicando ao estudo da temática, afirma que muitas vítimas do bullying acreditam merecer as agressões porque são gordas, negras, feias. “Quando a criança conta aos pais que está sofrendo bullying, geralmente já é assediada há muito tempo”, diz Allan. E quando essas crianças têm um amigo fiel na escola, é este o escolhido para confidenciar seus sofrimentos. Ele garante que as crianças se recuperam de um bullying quando tem um amigo ou quando contam com a ajuda dos pais

Considerada como Síndrome, apresenta como sintomatologia: irritabilidade, agressividade, impulsividade, intolerância, tensão, explosões emocionais, raiva reprimida, depressão, stress, sintomas psicossomáticos, alteração do humor, pensamentos suicidas.

Mais de metade dos adolescentes portugueses (59,4 por cento) referiram ter assistido a situações de provocação na escola, das quais cerca de metade ocorreu no recreio. Dos que dizem ter presenciado, cerca de dois terços referem não ter feito nada e terem-se afastado, 54,8 por cento não fizeram nada e ficaram a ver e houve mesmo 10,7 por cento que incentivaram o provocador. Segundo Matos (2011), coordenadora do estudo, esta “é uma forma de violência pela passividade, os que assistem e não fazem nada ou até incentivam”. “São – resume – os espectadores”.

Também a Internet pode ocasionar novas formas de violência (ciberbullying), mas a grande maioria (84,1 por cento) não se envolveu neste tipo de provocações. Nos que o fizeram, o Messenger foi o meio mais usado, seguido das mensagens de telemóvel. Entre os que se viram envolvidos nestas situações, a grande maioria conseguiu ultrapassar o problema (Matos, 2011).

Esta forma de violência é de difícil identificação por parte dos familiares e da escola, uma vez que a “vítima” teme denunciar os seus agressores, por medo de sofrer represálias e por vergonha de admitir que esteja apanhando ou passando por situações humilhantes na escola ou, ainda, por acreditar que não lhe darão o devido crédito. Sua denúncia ecoaria como uma confissão de fraqueza ou impotência de defesa. Os “agressores” se valem da “lei do silêncio” e do terror que impõem às suas “vítimas”, bem como do receio dos “espectadores”, que temem se transformarem na “próxima vítima”.

No mundo todo, muitos foram os fatos registrados de homicídios seguidos de suicídio decorrentes do bullying. O caso internacional com maior repercussão foi o de 1999, na cidade de Columbine, nos Estados Unidos, quando dois adolescentes, um de 18 e outro de 17 anos, mataram 12 colegas e um professor, deixaram 23 pessoas feridas e se suicidaram. O caso acabou virando tema de duas produções cinematográficas: o documentário *Tiros em Columbine* (2002), do diretor Michael Moore, e *Elefante* (2003), do diretor Gus Van Sant.

No Brasil, o caso de bullying que obteve mais repercussão aconteceu em 2004, em Taiuva, interior de São Paulo, onde um jovem de 18 anos, vítima das agressões, feriu oito pessoas e se suicidou em seguida. Além da jovem de treze anos tomada como sinônimo de crueldade do bullying no Rio Grande do Sul e relatada na obra “*Todos contra Dante*” do jornalista Luís Augusto Campello Dill.

A maior certeza que se tem em relação ao bullying é o mal aterrador que ele causa naqueles que o sofrem. Danos irreversíveis são causados na psique do agredido, deixando-o desorientado ao ponto de não saber mais o limite entre a sensatez e o erro fatal. É nesta hora que ocorre o maior erro quando se fala em bullying: distinguir quem é o real malfetor da história em casos de morte; aquele que não suporta mais a pressão de colegas e busca a morte deles ou de si próprio em virtude das maldades sofridas durante anos para ser apenas razão de risos e alimento para o ego daquele que pratica o bullying.

Há pouco tempo não se ouvia o termo bullying em jornais, revistas ou em programas de televisão e graças à difusão do tema internacionalmente é que as instituições educacionais vêm buscando a melhor compreensão do problema. A divulgação em massa levou, nos últimos anos, a população a ter maior acesso a casos de agressão

vinculados ao bullying. Os estudantes que por vezes “explodiam” e até cometiam crimes, principalmente dentro das escolas eram chamados de desequilibrados sem que os vestígios do bullying fossem detectados.

Mesmo sabendo do problema, é comum que as pessoas se omitam, uma vez que parece ser “doloroso” reviver situações que causaram sofrimentos, entretanto a necessidade de visibilidade, as propagandas educativas e de esclarecimento, devem ser consideradas como de utilidade pública, iniciativas que possam oferecer algum tipo de conhecimento e debate sobre o tema e as consequências.

“Muitos são os casos registrados de crianças que apresentam baixo rendimento escolar, em algumas situações isso pode estar relacionado ao bullying. Não há dúvidas de que educadores e profissionais que trabalham com jovens precisam de capacitação para detectar, atender e encaminhar os casos de bullying. A atenção da família, ao comportamento dos filhos é fundamental, os pais por vezes não percebem que seus filhos estão sendo agredidos, uns por acreditarem que a criança é apenas tímida, outros por desconhecerem o bullying. (BEANE, 2010).

Uma criança com auto-estima baixa torna-se mais vulnerável ao bullying, e em virtude da mesma característica, elas optam por esconderem ainda mais seu problema das pessoas que poderiam lhe ajudar. Para a vítima o mundo perde a cor, não há amizades verdadeiras, não há quem acredite nela, sequer ela ainda crê no seu sucesso e na sua capacidade, perde os prazeres de brincar, de estudar, de se relacionar com as demais pessoas, seus dias não passam de medo e angústia, e é aí que muitas delas vêm apenas na morte a solução para seu problema. Allan Beane diz que “dados apontam que 30% dos suicídios entre jovens são causados pelo bullying.

Além de muitos professores ou mesmo da sociedade ainda não estar ciente do mal que lhe acomete, a legislação brasileira não prevê punição alguma para os praticantes de bullying. Conforme o Jornal da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina . Ano 12. Nº 355 SC de 26 de fevereiro de 2010, o Estado de Santa Catarina, único

lugar no Brasil onde o bullying é divulgado e punido através de leis estaduais, todas expostas à sociedade, para a busca constante da erradicação deste fenômeno.

Questionar valores priorizados na atualidade e relembrar valores para novas gerações é o ponto de partida para o enfrentamento da questão. O bullying precisa ser conhecido para ser reprimido e extinto do universo escolar. Professores, família e sociedade devem estar atentas: enquanto brincadeiras de mau gosto continuar sendo tratadas como parte da fase de crescimento de alguns alunos, muitos outros continuarão sofrendo suas conseqüências só porque faltou um pouco de atenção.

CONCLUSÃO

O bullying é o mal que acomete geralmente os jovens, de forma mais drástica e violenta. As manifestações de preconceito aparecem com atitudes de humilhações, violência física e psicológica.

Nota-se que estas práticas discriminatórias no ambiente escolar têm como principais vítimas são alunos “diferentes”, especificamente os tímidos, os gordos, os magros, negros, pobres e muito educado, delicado etc. É difícil conviver com as diferenças. As práticas discriminatórias na escola também vitimam professores e funcionários com preocupante incidência. Pode reproduzir na vida social através de comportamentos de grupos intolerantes às diferenças sociais, de classe e de minorias. Piadas e apelidos só podem ser realmente divertidos se ambas as partes se alegram com as mesmas. A partir do momento em que se tornam perseguições rotineiras, que agridem moralmente e psicologicamente, ela deixa de ser brincadeira para se tornar uma patologia. Um ambiente hostil jamais poderá ser um lugar de aprendizagem prazerosa, e somente os professores têm em suas mãos a ferramenta inicial para trabalhar e reduzir esse problema: o bullying precisa ser estudado, diagnosticado e alertado para que se preservem as vítimas e se eduquem os agressores.

REFERÊNCIAS

ARRIETA, Gricelda Azevedo. A violência na Escola: a violência na contemporaneidade e seus reflexos na escola. Canoas: Ed. Ulbra, 2000.

BANDEIRA, Lúcia Regina. A afetividade na educação. Carazinho: ULBRA, 2003. Monografia, Pós Graduação em Administração na Educação, Universidade Luterana do Brasil, 2003.

DILL, Luís Augusto Campello. Todos contra Dante. 1ª edição. São Paulo, SP. Editora Schwarcz Ltda, 2009.

FANTE, Cleodilice Aparecida Zonato. Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas SP: Veros Editora, 2005.

JORDÃO, Claudia; BEANE, Allan. As escolas fecham os olhos ao bullying. Isto É Independente, n. 2010, 16 de abril de 2010.

MATOS, Margarida Gaspar de. Blog criancasatortoeadireitos.wordpress. 8 de Junho, 2011

MORAIS, K. de Paula; LOPES, Cristiane. Um breve estudo sobre o fenômeno bullying a luz dos professores. X Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão – JEPEX 2010 – UFRPE: Recife.